

## VALORES DA EDUCAÇÃO VICENTINA:

O *jeito vicentino de educar* crianças, adolescentes e jovens, orientados pelos valores humanos e cristãos

Prof. Dr. Flávio Fernando de Souza<sup>1</sup>

### 1 Introdução

Nossa intenção é a de apresentar a você, Educador/a Vicentino/a, algumas referências para uma releitura da **Identidade Institucional da Educação Vicentina** consequente com os desafios da atualidade.

- Iniciamos por situar **MISSÃO - VISÃO - VALORES** em relação de complementaridade.
- Avançamos destacando nossa compreensão sobre uma gestão educacional e pedagógica balizada por valores e suas implicações nas práticas que promove e sustenta.
- Finalizamos apresentando o conjunto dos valores basilares da Educação Vicentina, sua organização sustentada e articulada em torno do cuidado como modo de ser essencial do humano, que se expressam nas dimensões do cuidado do ser, da ação e da relação.

Vale destacar algumas orientações que podem nos ajudar a trilhar esse caminho conceitual e prático: a primeira sinaliza a importância de nos colocarmos em movimentos de aproximação ao **Carisma Vicentino**, às aspirações e inspirações fontais dos Fundadores. Aproximações feitas em forma de releituras e de atualização, sempre provisórias, inacabadas, em constante plasmar-se.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela PUCPR. Mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná – UTP. Graduado em Filosofia Estudos de Teologia, Música e Organização do Trabalho Pedagógico, com MBA em Gestão de Instituições de Educação Básica. Consultor Educacional da Educação Vicentina – Província de Curitiba. Editor e revisor de obras para publicação na área educacional e teológico-pastoral.

São tentativas de traduzir aquelas inspirações originárias, aproveitando suas potências criativas e contextualizando-as no momento presente. Por vezes, inclusive, essas releituras e atualizações implicam atribuir novos nomes, significados e até novos sentidos a questões já conhecidas, uma vez que,

sentido e significado nunca foram a mesma coisa, o significado fica-se logo por aí, é directo, literal, explícito, fechado em si mesmo, unívoco, por assim dizer, ao passo que o sentido não é capaz de permanecer quieto, ferve de sentidos segundos, terceiros e quartos de direcções irradiantes que se vão dividindo e subdividindo em ramos e ramilhos, até se perderem de vista, o sentido de cada palavra parece-se com uma estrela quando se põe a projectar marés vivas pelo espaço fora, ventos cósmicos, perturbações magnéticas, aflições (SARAMAGO, 1998, p. 135).

Atribuir outros nomes, significados e sentidos não se trata de desqualificar, ou diminuir o valor das tradições que herdamos, mas de ressignificá-las e garantir-lhes pertinência quando as reconectamos aos desafios que a mesma **Missão** enfrenta na atualidade.

Outro sinal para o caminho refere-se a um convite ao entendimento dos **valores** em complementaridade e não de forma hierárquica. Pensar em termos de relação e encadeamentos. Enquanto **Comunidades de Aprendizagem** precisamos passar das hierarquias às redes cooperativas, da ênfase nas estruturas e resultados à valorização dos processos e das trajetórias biográficas. Almejamos propor uma visão plural e integradora, de mútuas conexões. Tomados em suas relações, os valores da Educação Vicentina querem expressar a multidimensionalidade da pessoa, a integração entre suas dimensões ontológica, relacional e praxiológica.

E, o terceiro sinal, de ordem estética, indica nossa tentativa de uso da **logo da Educação Vicentina**. Nela queremos ver os valores como extensões de cada um/a de nós. De um lado, um braço que nos apresenta os valores referentes à *dimensão do ser (espiritualidade e criatividade)*; do outro lado, os valores na *dimensão do agir (sustentabilidade e solidariedade)*; ambos nos conduzem ao encontro, convidam-nos à *acolhida, ao diálogo e à colaboração*, que englobam a *dimensão das relações*. Nas mãos entrelaçadas nosso sonho de um processo no qual somos e agimos juntos. Utopia. Reserva de esperança que se faz projeto, processo e concretude nas relações, na entrega gratuita, no comprometimento e na sinergia entre cada um/a de nós.

## 2 Missão, Visão e Valores:

### A Identidade Institucional da Educação Vicentina em movimento

Quando falamos em **Jeito Vicentino de Educar** estamos unindo num só movimento nossa **Missão, Visão e Valores**, na fidelidade ao Carisma Vicentino, na sua *vitalidade, atualização, viabilidade e abrangência*, assim como nos impactos produzidos nos projetos de vida de cada um/a de nossos/as educandos/as. Nesse sentido, os valores ganham lugar de referência. *Constituem o elemento tangível de nossas inspirações e intenções*. Remetemos ao desafio de pensar sobre a interação entre nossas convicções e práticas, entre nosso jeito de agir e de pensar.

O dinamismo que envolve esta mútua, e necessariamente coerente, imbricação entre o pensar e o agir implica diretamente sobre seus sujeitos e protagonistas em relação, educadores/as e educandos/as, mas também sobre as estruturas de suporte e de mediação da **Missão**, a própria organização e suas lideranças. Uma gestão integrada e baseada em valores requer, assim, uma instituição de suporte que tenha um conjunto estável de crenças que balizem todas as suas ações, lideranças e colaboradores que compartilhem e se comprometem sinergicamente com esta visão.

É a partir de um conjunto de Valores (crenças) compartilhados que se estabelecem as prioridades, se criam os projetos e suas possibilidades concretas de realização. O conjunto de valores da Educação Vicentina está organizado numa visão de complementaridade, pluralidade e complexidade que abarcam os projetos de vida de todos os seus sujeitos e protagonistas.

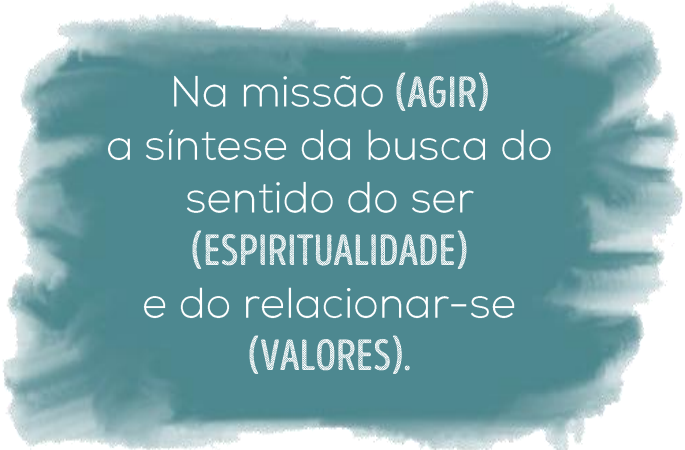
Nesse conjunto, pensa-se o ser em sua inteireza e inacabamento, compreendendo o cuidado de si, de suas relações e de sua ação no mundo, sempre numa dinâmica de coexistência compartilhada, solidária e corresponsável. Nossa concepção implica, assim, que o cuidado com o ser e com a ação são, ao mesmo tempo, condicionantes e condicionados, mediações e mediados pelo cuidado com as relações, enquanto possibilidades de ser e agir juntos/as.

A literatura pedagógica dos finais do século XX já anunciava as prioridades educativas para o presente. Apontavam-se os conceitos-chave, os pilares de uma educação para toda a vida traduzida em educar para ser, educar para fazer e educar para conviver, mediados pelo aprender a conhecer (DELLORS, 1999).

Na manifesta possibilidade de continuidade com esse projeto educativo subjaz a potência do novo, da tentativa de rupturas e de responder de maneira consequente aos desafios do presente. Assumimos o risco de impregnar nossa **identidade institucional** e, portanto, aquilo que nos identifica como instituição escolar, frente de missão, desse **Jeito Vicentino de Educar**, que não é mais que o compromisso ético (SANDRINI, 2007), **evangélico, afetivo e efetivo de contribuir significativamente para** “Educar crianças, adolescentes e jovens, orientados pelos valores humanos, cristãos e vicentinos, mediando o desenvolvimento de suas competências e habilidades como sujeitos proativos de transformação social” (Missão, 2018).

Nos processos de gestão da Educação Vicentina integram-se todas as ações que visam colocar em movimento a concretização de sua **Missão** nas unidades educativas, mobilizadas pela **Visão** – “inovação e qualificação dos processos educacionais” – e revestidos dos **Valores**. Enquanto se busca a integração entre o desenvolvimento de pessoas, estratégias e recursos por meio da qualificação e inovação de seus processos num engajamento compartilhado e corresponsável.

A Missão da Educação Vicentina tem como sua força motriz o “**espírito da Companhia**”, que consiste, segundo Vicente de Paulo, “**na caridade, simplicidade e humildade**” (SVP Coste IX, p. 392). Este “espírito” traduz-se de forma concreta no princípio do amor afetivo e efetivo. Do amor efetivo, que se radica no encontro com o “Amado”, brota o sentido da Vida. Desse encontro se chega às ações, o amor efetivo. Agimos embebidos por esse amor, agimos em Deus (SVP Coste IX, p. 311-312).



Na missão (AGIR)  
a síntese da busca do  
sentido do ser  
(ESPIRITUALIDADE)  
e do relacionar-se  
(VALORES).

Sem esse “espírito” não somos Educadores/as Vicentinos/as. Nossas trajetórias e biografias compõem-se de uma autoria compartilhada e convvida, dialogada. Expressa-se concretamente no amor ao próximo, ao pobre acima de tudo. *A Educação Vicentina é uma nossa maneira, hoje, de “servir aos pobres” (SVP Coste IX, p. 394).* Enquanto nosso “tesouro” comum, ali queremos colocar também nosso coração (Mt 6,21). Somos convidados, cada dia, à busca e à escolha de tesouros que permanecem.

Nessa fonte queremos juntos buscar o discernimento diante dos desafios das realidades presentes. Nesse tesouro guardado no coração, lugar da interioridade, de experiências existenciais, de tessituras, de trajetórias de vida e de escolhas que nos permitem ser, agir e conviver em comunhão na diversidade.

É urgente, para isso, passarmos da “pedagogia da proclamação” para a “pedagogia da demanda” (GUTIÉRREZ, 1994, p. 6). Superar a lógica linear, de transmissão verticalizada e impositiva de conteúdos. Abrir possibilidades para o protagonismo compartilhado entre interlocutores – educadores/as e educandos/as –, num encontro intersubjetivo, intercomunicativo, participativo e rico de sentidos para a vida, princípio e fim do processo de mediação pedagógica.



### 3 Gestão balizada em valores:

#### Implicações nas práticas educativas e pedagógicas

Compreendemos que, no fundo, a integração entre ser, agir e conviver, mediada pela experiência do conhecimento mobilizado em situações de aprendizagem significativas e estimulantes, querem contribuir eficazmente para a educação integral dos/as educandos/as. Parte-se, portanto, do cultivo e do compartilhamento de uma crença, um valor fundamental, de que as crianças, adolescentes e jovens que nos propomos educar são seres potentes, capazes e que acreditamos neles.

Por isso nos comprometemos a “fazer com” nossos/as educandos/as e não mais “para” (GUILLEMIN, 1968). Comprometemo-nos a converter nossas escolas em comunidades de aprendizagem, em que o ensino deixa de ser um fim em si mesmo e vai se tornando um meio para que todos/as aprendam. Mediação que se adapta, flexibiliza-se e se personaliza atendendo às singularidades e diferenças de cada estudando/a, protagonista da construção e ressignificação dos saberes, responsável por suas escolhas na composição de seu projeto de vida.

Cada um/a de nós, educadores/as, educandos/as e suas famílias, é convidado/a a percorrer juntos um novo itinerário de aprendizagem, cuidado, convivência e ação transformadora e significativa no mundo, a compartilhar essa construção de outro mundo possível onde caibam todos, cuja elaboração e concretização passa também por nossas salas de aula.

A forma mais clara e concreta de entrega de tais intencionalidades se dá por meio dos **Valores** que deveriam impregnar nossas ações educativas. Os valores e as atitudes que lhes sejam correspondentes representam, pois, os elementos tangíveis que expressam a unidade entre nossas convicções e ações, crenças e práticas.

Constituem o elemento que confere *sentido e legitimidade* às intencionalidades e às práticas, uma vez que permitem experimentar a consistência e o grau de coerência entre ser, pensar e agir em relação.

Apenas falar sobre valores, portanto, não basta. É preciso articular a formação, o olhar crítico e criterioso sobre os valores que elegemos como basilares para a Educação Vicentina e promover sua incorporação nas ações cotidianas de cada um/a de nós, Educadores/as Vicentinos/as. Significa investir na sua tradução praxiológica, uma vez que educar em valores não se trata de apenas os transmitir num discurso ou em uma campanha de marketing, ou expô-los em um quadro na parede ou mural, ou informar por meio de um documento oficial da instituição. Trata-se sim, pela própria estrutura e constituição dos valores, de os transmitir pela convivência, pelo exemplo e testemunho, pela integração e impregnação de todas as dimensões que perpassam as relações humanas.

É necessário incorporar os valores e contagiar pelo exemplo da experiência vivida, significada e partilhada, tal como o expressa o Papa Francisco: “o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado” (EG, 88).

O conjunto dos valores tomado como referência pela Educação Vicentina intenta possibilitar a sinergia entre uma rede de pessoas que buscam sentir, pensar e fazer de modo coerente aquilo que nos é próprio, compartilhando o sonho, a utopia, nossa reserva de esperança de um outro mundo possível que passa pela sala de aula. Pelo comprometimento partilhado neste encontro de alteridades, subjetividades que constroem sua interioridade e autonomia sem nos esquecermos de que vivemos juntos no mundo.

A tríade do princípio do cuidado que vertebra esse conjunto, entendido aqui como modo de ser essencial, mais que um ato de atenção ou zelo em si, constitui uma

“atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro” (BOFF, 1999, p. 33).

O cuidado é a atitude fonte da qual brotam muitos atos que a expressam. Um modo de ser essencial, uma dimensão antropológica fontal, ontológica, um modo de como nos estruturamos e nos damos a conhecer, revelando de maneira concreta “como é o ser humano” (p. 34).

No diálogo com o **Mistério** do mundo e seu próprio mistério, o ser humano enquanto ser capaz de diálogo, comunhão e participação nesse Mistério, descobre-se como um ser-no-mundo-com-outros. Sua essência define-se como um ser de relações e de cuidado em tudo o que pensa, projeta e faz. O ethos fundamental que nos faz humanos.

Desdobram-se, desse conjunto de uma ética do cuidado essencial, três dimensões convergentes, que mutuamente se complementam, ampliam e aprofundam: a dimensão do ser, a dimensão da ação e a dimensão das relações. Enquanto estruturas axiais da existência humana, possibilitam a fruição entre a constituição de subjetividades integradas e integradoras, numa educação de interioridades capazes de coexistência e de corresponsabilidade com o outro, com o mundo, com a natureza.

A Educação Vicentina quer, desse modo, ser consequente com seus interlocutores, hoje. Assume sua característica profética. Pensa uma educação para o presente e que dê sentido para o futuro de seus/suas educandos/as. O legado de sua Tradição Vicentina, as inspirações de seus Fundadores, não é trincheira, mas fonte, continuamente renovada. Os profetas não adivinham, mas realizam, dizia Paulo Freire:

Os profetas são aqueles e aquelas que se molham de tal forma nas águas da sua cultura e da sua história, da cultura e da história de seu povo, que conhecer o seu aqui e o seu agora e, por isso, podem prever o amanhã que eles mais que adivinham, realizam. Eu diria aos educadores e educadoras, ai daqueles e daquelas que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, se atrelem a um passado, de exploração e de rotina. (Citado por GADOTTI, 2000, p. 29).

Assumir o compromisso com um projeto mais amplo que nossos muros, de promoção do advento de uma sociedade justa, equitativa e incluyente (LDB, Lei n. 9.394/1996; BNCC, 2018, p. 5-21), por mediação da educação de crianças, adolescentes e jovens, educandos e educandas vicentinos/as, implica impregnar nossas ações educativas com novas perspectivas. Na base de uma pedagogia ética, que se vertebra na “relação entre os sujeitos que aprendem juntos” (GADOTTI, 2000, p. 80), **assumimo-nos como** “sujeitos da



procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, éticos” (FREIRE, 1997, p. 19).

Novas perspectivas que impactam nossas formas de compreender a docência, o sujeito aprendente (estudante), a escola, a organização curricular. Será preciso um novo professor, imbuído de uma pedagogia do aprender, numa sociedade do conhecimento e da tecnologia onde todos nos tornamos aprendizes. Um novo professor, mediador do conhecimento, criador das possibilidades de sua construção e reconstrução, “sensível e crítico, aprendiz permanente e organizador do trabalho na escola, orientador, cooperador, curioso e construtor de sentido” (GADOTTI, 2000, p. 45).

Na interlocução com os/as educandos/as, nesse encontro intersubjetivo de alteridades que se respeitam e colaboram aprende-se um novo jeito para ensinar e aprender juntos: “por que me impões o que sabes se eu quero aprender o desconhecido e ser fonte em minha própria descoberta?” (MATURANA, 1989).

Uma nova forma de pensar e agir como estudantes também se faz necessária: “sujeito de sua própria formação, autônomo, motivado para aprender, disciplinado, organizado, cidadão, solidário e curioso” (GADOTTI, 2000, p. 46). **Capaz de engajamento em atividades coletivas e colaborativas, envolvido em estágios e serviços voluntários, que se adapta com facilidade a novas situações e desafios, que busca soluções para os problemas que enfrenta, crítico e criativo, comunicativo e que continue a aprender por toda a vida.**

Conforme expressa-se na BNCC (2018, p. 8), competente porque capaz de mobilizar seus conhecimentos, suas habilidades, atitudes e valores tendo em vista a resolução de demandas complexas da vida cotidiana, o exercício de sua plena cidadania e sua inserção no mundo do trabalho. E mais, um novo estudante capaz de,

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades. (BNCC, 2018, p. 14).

Tudo isso só se torna possível se pensarmos em termos de **educação integral**, que vise à “formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva” (BNCC, 2018, p. 14). **Uma educação integral em uma nova escola com um novo currículo.**

**Uma nova escola** “como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva” **que se fortaleça na prática** “de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades” (BNCC, 2018, p. 14). **Uma escola capaz de se inovar continuamente, conectada ao seu momento e aberta ao futuro daqueles/as para os/as quais quer ser significativa. Comprometida com a** “construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea” (p. 14).

Por isso, não apenas se dispõe a formar cidadãos, mas é também ela cidadã, lugar de experiências de cidadania e democracia, gestora e produtora de conhecimentos, ecossustentável e ecossolidária, construtora de sentidos e plugada no mundo. Isto significa

“assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades” (BNCC, 2018, p. 14).

**Uma nova organização de seus espaços e tempos, de rompimento da fragmentação do conhecimento imposta pelas matrizes curriculares e horários de aulas, tem por suposto** “considerar as diferentes infâncias e juventudes, as diversas culturas juvenis e seu potencial de criar novas formas de existir” (BNCC, 2018, p. 14). **Implica também** “reconhecer que as necessidades dos estudantes são diferentes” (p. 15), **estimular a aplicação dos conhecimentos à vida real destes, à sua cotidianidade que dá sentido para o que aprendem, promovendo seu protagonismo nas suas aprendizagens e na construção de seu projeto de vida.**

Um novo currículo enquanto “lugar, espaço, território; relações de poder; trajetória, viagem, percurso; autobiografia; onde se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso e documento; é documento de identidade” (SILVA, 2011, p. 150). **Suporte para uma pedagogia diferenciada** (MEIRIEU, 1998; 2002; 2005; 2006), que promova explicitamente as competências socioemocionais e personalize as trajetórias de aprendizagem, considerando “as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, étnicas e culturais” (BNCC, 2018, p. 15).

Referência para as escolhas dos/as **Educadores/as Vicentinos/as** quanto a questões fundamentais do trabalho pedagógico cuja finalidade é atender aos direitos de desenvolvimento e de aprendizagem dos/as educandos/as, em que se articulam a construção dos conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades e a formação de atitudes e valores. Fonte de parâmetros para as questões centrais do processo educativo: “o que aprender, para que aprender, como ensinar, como promover redes de aprendizagem colaborativa e como avaliar o aprendizado” (BNCC, 2018, p. 14).

Nossos Fundadores,  
**Lúisa de Marillac** e  
**Vicente de Paulo**

são mestres de vida que  
inspiram nosso

**#JeitoVicentinoDeEducar**



## 4 Valores da Educação Vicentina:

O cuidado como modo de ser, de agir e de relacionar-se

### 4.1 O cuidado como modo de ser:

**Espiritualidade e criatividade, conexões entre interioridade e exterioridade**

#### 4.1.1 Espiritualidade

Não em contraposição à materialidade, mas como síntese entre o imanente e o transcendente. “Espírito significa vida, construção, força, ação, liberdade, (...) habita a realidade, a matéria e lhes dá vida, os faz ser o que são: enche-os de força, move-os, impele-os” (SANDRINI, 2007, p. 27-28). **Aquele Sopro de Vida que nos impele a incessantemente buscar por um** “novo sentido de ser, um novo sonho coletivo, urdido de valores infinitos como a cooperação, a solidariedade, o respeito a cada ser, o cuidado para com toda vida, a harmonia com natureza, o amor à Mãe Terra e a pluralidade das expressões do sagrado” (BOFF, 2010, p. 88).

Mística que sustenta e mobiliza, riqueza interior que transborda, que acolhe, dialoga, respeita, cuida. Dinamismo que qualifica e motiva a vida da pessoa em sua integralidade, enraizada tanto em sua dimensão imanente quanto transcendente. Dimensão profética e, por isso transformadora, comprometida, libertadora (SANDRINI, 2007, p. 31-36). **Espaço plural, acolhedor e em diálogo com outras formas de manifestar-se.**

No contexto da Educação Vicentina, traduz o espaço interior a ser cultivado e que dá “sentido cristão” ao seu compromisso e às atividades que promove, que se concretizam no cotidiano como amor-doação e amor-serviço ao próximo, em especial ao “pobre”. **Sentido que alimenta nosso cuidado com o outro, com o mundo, conforme nos diz o Papa Francisco:**

A grande riqueza da espiritualidade cristã, proveniente de vinte séculos de experiências pessoais e comunitárias, constitui uma magnífica contribuição para o esforço de renovar a humanidade. Desejo propor aos cristãos algumas linhas de espiritualidade ecológica que nascem das convicções da nossa fé, pois aquilo que o Evangelho nos ensina tem consequências no nosso modo de pensar, sentir e viver. Não se trata tanto de propor ideias, como sobretudo falar das motivações que derivam da espiritualidade para alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo (Laudato Si’, n. 216).

### 4.1.2 Criatividade

Refere-se a um conjunto de habilidades comuns a todo ser humano, relacionadas ao seu contexto cultural, social e econômico, podendo ser estimulada no processo educacional. Possibilita aos estudantes o desenvolvimento de suas capacidades de criar, produzir, inventar, transformar situações, resolver problemas e inovar em seus modos de agir. Constitui o “processo de desenvolver ideias originais que contenham valor” (ROBINSON, 2002, citado por BRAUN; FIALHO; GOMEZ, 2017, p. 581).

A criatividade pode ser potencializada ou minimizada conforme as suas interações com o meio cultural, conforme à oferta ou não de estímulos às atitudes e aos atos criativos. Razão pela qual a Educação Vicentina reconhece a criatividade como um valor que reveste nossas ações e interações pedagógicas e que contribui para a concretização de seu compromisso com a educação integral dos estudantes e com seus projetos de vida. Cabe, portanto, às unidades educativas da Educação Vicentina, a partir de seus próprios contextos e possibilidades, propiciarem um ambiente criativo e inovador que ofereça suporte para o desenvolvimento da criatividade dos/as estudantes.

## 4.2 O cuidado como modo de agir:

### Sustentabilidade e solidariedade

#### 4.2.1 Sustentabilidade

De acordo com Ayres (2008), a sustentabilidade é um conceito normativo sobre a maneira como os seres humanos devem agir em relação à natureza, e como eles são responsáveis para com o outro e as futuras gerações. Envolve as dimensões ecológica (ambiental), social e organizacional.

Implica, conforme o Papa Francisco, em um processo de regeneração da humanidade, “um grande desafio cultural, espiritual e educativo” (LS, n. 202), de reabilitação da

“consciência de uma origem comum, de uma recíproca  
pertença e de um futuro partilhado por todos”.

Cabe à Educação Vicentina engajar todos os seus colaboradores na construção de processos educativos contextualizados e com interação permanente entre o que se aprende e se pratica, possibilitando aos seus educadores e estudantes “itinerários pedagógicos de uma ética ecológica” (LS, n. 210) para que cada um possa ter em conta, em cada uma de suas escolhas e ações, os impactos que pode provocar fora de si mesmo.

A consciência ecológica levanta-nos um problema duma profundidade e duma vastidão extraordinárias. Temos de defrontar ao mesmo tempo o problema da Vida no planeta Terra, o problema da sociedade moderna e o problema do destino do Homem. Isto nos obriga a repor em questão a própria orientação da civilização ocidental. Na aurora do terceiro milênio, é preciso compreender que revolucionar, desenvolver, inventar, sobreviver, viver, morrer, anda tudo inseparavelmente ligado (MORIN em GADOTTI, 2000, p. 103).

Na certeza de que a vida tem sentido, mas que esse sentido só é encontrado na relação, na interconexão de todas as coisas. Essa coexistência interdependente nos move a assumir itinerários educativos plurais, personalizados, que abarquem a singularidade de cada pessoa, mas também que amplie nossa consciência de uma origem comum, de recíproca pertença, futuro compartilhado e corresponsabilidade por sua construção (LS, n. 202).

#### 4.2.2 Solidariedade

Consiste no valor de buscar sempre o **bem comum**, em promover e defender os direitos especialmente daqueles pobres e excluídos, silenciados e invisibilizados em nossas sociedades hoje. Constitui, portanto, conforme a Doutrina Social da Igreja (ANTONCICH, Ricardo; SANS, José Miguel M. *Ensino Social da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1986), um princípio e um projeto para a nova humanidade por meio do qual se chega à justiça, pois “não há pessoa solidária sem compromisso com a vida de todos, particularmente dos pobres” (p. 87).

É expressão concreta de uma fé viva, tradução do “**amor afetivo e efetivo**”, pois, “a fé, que não se faz solidariedade, é uma fé morta. É uma fé sem Cristo, uma fé sem

Deus, uma fé sem irmãos. O primeiro a ser solidário foi o Senhor, que escolheu viver entre nós, escolheu viver no nosso meio” (Papa Francisco. Homilia proferida no Paraguai, em 12/07/2015). **Ideia motriz que o próprio Francisco amplia e complementa na *Evangelii Gaudium* e na *Laudato Si'*:**

Nas condições atuais da sociedade mundial, onde há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres. Esta opção implica tirar as consequências do destino comum dos bens da terra, mas – como procurei mostrar na exortação apostólica *Evangelii gaudium* 123 – exige acima de tudo contemplar a imensa dignidade do pobre à luz das mais profundas convicções de fé. Basta observar a realidade para compreender que, hoje, esta opção é uma exigência ética fundamental para a efetiva realização do bem comum (LS, n. 158).

Hodiernamente percebem-se dois movimentos complementares em relação a **promover uma cultura de solidariedade**: um que aponta para as relações humanas de cooperação entre sujeitos, comunidades e nações, e outra aponta para uma relação de solidariedade ecológica e ambiental. **Unidas e complementares sempre, a Educação Vicentina quer contribuir para a formação de sujeitos solidários social e ambientalmente. Solidariedade no sentido de cuidado com todas formas de vida, implica sempre na “atenção e serviço aos mais pobres – finalidade originária e sempre atual do carisma na história”** (PROVÍNCIA DE CURITIBA, Pastoral Escolar Vicentina, 2014, p. 3).

Assumimos, desse modo, a compreensão de **solidariedade** explicitada pelo Papa Francisco na encíclica *Evangelii Gaudium*:

Embora um pouco desgastada e, por vezes, até mal interpretada, a palavra ‘solidariedade’ significa muito mais do que alguns atos esporádicos de generosidade; supõe a criação de uma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns. A solidariedade é uma reação espontânea de quem reconhece a função social da propriedade e o destino universal dos bens como realidades anteriores à propriedade privada. A posse privada dos bens justifica-se para cuidar deles e aumentá-los de modo a servirem melhor o bem comum, pelo que a solidariedade deve ser vivida como a decisão de devolver ao pobre o que lhe corresponde. Estas convicções e práticas de solidariedade, quando se fazem carne, abrem caminho a outras transformações estruturais e tornam-nas possíveis. Uma mudança nas estruturas, sem se gerar novas convicções e atitudes, fará com que essas mesmas estruturas, mais cedo ou mais tarde, se tornem corruptas, pesadas e ineficazes (EG, n. 188-189).

## 4.3 O cuidado como modo de relacionar-se: acolhida, diálogo e colaboração

### 4.3.1 Acolhida

Enquanto seres humanos em relação, a acolhida deve fazer parte de nosso DNA. O próprio Jesus nos ensina essa importante lição, na dinâmica de sua relação com o Pai e com a humanidade, permeada por encontro, visitação, proposta, acolhida, decisão e gratuidade: “a palavra acolhida é salvífica e reveladora do mistério de Deus e de sua vontade” (DAP, n. 172).

Constitui dimensão singular do cuidado que se expressa na disponibilidade para sair de si mesmo, acolher e ser acolhido. Implica na capacidade de empatia, de

“colocar-se no lugar do outro e buscar compreender razões, sentimentos e emoções para estabelecer uma relação de cooperação e de compreensão pela maneira como o outro age e toma decisões” (PEREZ, 2018, p. 12).

A empatia, como outras habilidades é desenvolvida e, por isso, “para exercê-la, é preciso saber ouvir, ter vontade de conhecer o outro e a si próprio e não fazer julgamentos unicamente com base na experiência pessoal” (2018, p. 12). Enquanto habilidade a ser aprendida, importa considerar o ambiente e as relações que educam: “aprende-se no convívio, e com os modelos de relacionamento, a lidar com as diferenças, a respeitar, a argumentar, a cuidar de si e do outro, a esperar, a se comprometer consigo e com o grupo, a exercer a empatia, o diálogo” (p. 12).

Acolher supõe sair de si e olhar o outro, abertura de coração e gestos de generosidade, respeito, escuta, diálogo, de dar-se as mãos. “Acolhei-vos uns aos outros, como Cristo nos acolheu para a glória do Pai” (Rm 15,7). Liga-se à virtude da hospitalidade, que se conjuga com aliança, ou seja, “a relação com o outro suscita a responsabilidade” (BOFF, 2005, p. 149). Hospitalidade e aliança, “essa ética mínima que pressupõe a acolhida do outro como outro, o respeito por sua singularidade e a disposição para uma aliança duradoura com ele” (2005, p. 151).



Aprendemos de Maria a acolher e visitar, também ela inspiradora de nossa espiritualidade Vicentina, **mestra de vida espiritual** (C. 23). Seu olhar atento, seu serviço ao outro, seu entendimento da missão e sua disponibilidade nos ajudam a compreender os apelos de tantos à nossa volta:

Com os olhos postos em seus filhos e em suas necessidades, como em Caná da Galileia, Maria ajuda a manter vivas as atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade que devem distinguir os discípulos de seu Filho. Indica, além do mais, qual é a pedagogia para que os pobres, em cada comunidade cristã, 'sintam-se como em casa'. Cria comunhão e educa para um estilo de vida compartilhada e solidária, em fraternidade, na atenção e acolhida do outro, especialmente se é pobre ou necessitado (DAp, n. 272).

#### 4.3.2 Diálogo

O diálogo é inerente à condição humana. Comunicar-se é uma das necessidades primeiras dos seres, essencial à sobrevivência. No processo de ensino e aprendizagem, o diálogo é o ponto central da atividade de ensinar, na qual educadores/as e educandos/as são seres atuantes, igualmente importantes neste processo. É através da dialogicidade que ocorre a conscientização dos/as educandos/as. É a forma pela qual o/a educador/a demonstra respeito pelo saber que o/a educando/a traz à escola, e sem o qual não se pode ensinar.

"O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial"  
(FREIRE, 1980, p.42).

Desse modo, o diálogo não pode ser reduzido a uma estratégia qualquer. Radica-se no próprio ser humano enquanto ser de relação, de intercâmbios e de mútuo enriquecimento. Possibilita a circulação de sentidos e significados. Não se trata de ferramenta para defender e manter seus próprios posicionamentos. Mas uma prática para estabelecer e

fortalecer vínculos, redes e conexões, “instrumento necessário para o respeito à pluralidade cultural, social e política, bem como para o enfrentamento de circunstâncias marcadas pela tensão e pelo conflito” (BNCC, 2018, p. 398).

Mais que uma técnica a ser aprendida, constitui um **valor** a ser exercido na condução de conversações capazes de nos trazer novas visões de mundo, de relacionamentos e de processos. **Mediação para experiências de reflexão compartilhadas, geração de ideias, educação mútua e produção compartilhada de significados.**

A BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (2018, p. 561) propõe que os estudantes “desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade”.

Ao entendermos educação como relação dialógica e prática (ação e reflexão) da liberdade (FREIRE, 2001), **têm-se como pressupostos o protagonismo de seus sujeitos, educadores/as e educandos/as, sua participação livre e crítica.** Implica engendrar um processo pedagógico, inserido na realidade destes sujeitos e capaz de sentido para os mesmos, que possibilite e desenvolva sua autonomia, favoreça o diálogo, a horizontalidade da relação e promova a construção de conhecimentos e habilidades, em uma verdadeira relação de mútuo compromisso e engajamento.

O diálogo, portanto, torna-se também caminho, trajetória, biografia. Em educação, conforme se propõe na nona competência geral da educação básica (BNCC, 2018, p. 10), aponta para a necessidade de:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Enquanto Educação Vicentina, fazemos parte da ação da Igreja: “a evangelização implica também um caminho de diálogo (EG, n. 238). **Do magistério do Papa Francisco entendemos que o diálogo é um** “elemento performativo do ser cristão, do ser Igreja e da missão, (...), que configura a própria identidade humana e religiosa” (WOLFF, 2018, p. 6-7). **Por isso mesmo, também configura a identidade e as intencionalidades de nosso fazer educativo.**

Francisco insiste na promoção de uma **cultura do encontro** (SOUZA, 2018, p. 270), mediado pelo diálogo, a busca de consenso e de acordos. O diálogo como nosso modo de ser e de agir, capaz de promover uma cultura do encontro que tem como ponto de partida uma demarcação concreta deste encontro,

o “tocar o outro e ser tocado por sua ação” (FARES, 2015, p. 17), olhar nos seus olhos, dar-se as mãos, trocar palavras, fazendo com que o “outro” deixe ser um anônimo e passe a ser seu “próximo”.

Um encontro e um diálogo transformador que implicam a solidariedade, a capacidade de escuta mais que falar, a paz, a inclusão, a fraternidade, a justiça social, o diálogo com as diferentes culturas e entre as diferentes religiões, ou seja, “uma cultura onde nos reencontramos como irmãos” (FARES, 2015, p. 13). **Um caminho que requer** “paciência, ascese e generosidade” (LS, n. 201), **que se pautem na esperança de que** “é possível a transformação das relações entre as pessoas” (FREIRE, 2008) **e com o mundo que nos cerca.**

Daí a urgência de nosso engajamento para projetar e colocar em ação as mediações necessárias para construir essa cultura do encontro com base na dialogicidade e na convivência a partir da qual se procure “a paz e a justiça social, para além do aspecto meramente pragmático, como um compromisso ético que cria novas condições sociais” (EG, n. 250).

### 4.3.3 Colaboração

Há diferentes maneiras de pensarmos a colaboração nos ambientes educativos escolares. Aqui tomamos esse valor nas suas conexões com a acolhida e o diálogo. Na acepção proposta pela BNCC (2018, p. 9), como desdobramento da primeira competência geral da educação básica: “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva”.

Trata-se de possibilitar aos educandos e às educandas das Escolas Vicentinas, da Educação Infantil ao Ensino Médio, oportunidades para cooperar e compartilhar informações e conhecimentos (BNCC, 2018, p. 485). Expressa, desse modo, uma forma de ser e agir no mundo, de estabelecer conexões entre as pessoas e de “construir projetos pessoais e coletivos baseados na liberdade, na justiça social, na solidariedade, na cooperação e na sustentabilidade”, tal como apregoam as finalidades para o Ensino Médio na BNCC (2018, p. 467).

Cooperar significa operar, trabalhar em conjunto em busca de um resultado, de uma meta ou da realização de um projeto comum. Para que isso aconteça, deve haver empatia, integridade, democracia, diversidade, dignidade, compromisso ético e inclusão. Daí por que a cooperação promove a aprendizagem e o desenvolvimento de todos e de cada um. Na escola, cooperar é trabalhar em equipe para que todas as crianças e jovens aprendam e se desenvolvam e para que os educadores exerçam seu compromisso ético profissional e também aprendam continuamente enquanto ensinam (PEREZ, 2018, p. 59).

Implica, desse modo, por meio dos conhecimentos e habilidades desenvolvidos, ampliar a consciência da complexidade que abarca as “relações consigo mesmos, com os outros, com a natureza, com as tecnologias e com o ambiente; ter consciência dos valores éticos e políticos envolvidos nessas relações; e, cada vez mais, atuar socialmente com respeito, responsabilidade, solidariedade, cooperação e repúdio à discriminação” (BNCC, 2018, p. 343).

Nessas relações permeadas pelos valores da colaboração e da cooperação uns com os outros, com o mundo e com o ambiente, vemos também possibilidades de os/as educandos/as vicentinos/as atuarem socialmente com base nos princípios expressos por nossa Educação Vicentina. Para isso, é preciso fornecer-lhes ferramentas, processos, espaços e tempos que favoreçam a interação, a colaboração e a cooperação entre eles/as, de modo que possam desenvolver e exercitar “o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combater preconceitos de qualquer natureza” (BNCC, 2018, p. 490).

Trata-se de resgatar aquela capacidade que a humanidade possui de “colaborar na construção da nossa casa comum” (LS, n. 13), **uma vez que** “todos podemos colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades” (LS, n. 14).



## 5 Provocações para a continuidade:

### Caminhemos juntos/as

Os movimentos que estamos engendrando de **inovação e qualificação dos processos educacionais da Educação Vicentina** constituem um caminho aberto, plural, participativo e de corresponsabilização de todos/as nós, educadores/as vicentinos/as. O dinamismo e a legitimidade de nossas intenções passam pelos valores que elegemos para basilar nossos modos de ser, de agir e de relacionar-se.

**“São os valores que definem o rumo de um projeto pedagógico e traduzem-se em atitudes. Se tal não suceder, um projeto não ultrapassará o nível das intenções”**

(PACHECO, 2012, p. 48).

Diante disso é preciso coragem: “o correr da vida embrulha tudo. Vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem” (Guimarães Rosa). **Assumir o risco de tornar viável e concreto este outro mundo possível a partir de nossas salas de aula, de nossas intenções e práticas, nosso ser, nosso agir e nosso relacionar-se.**

Tarefa complexa e desafiante, mas que a podemos realizar juntos/as, vencendo aquelas nossas resistências e nosso medo de mudar, aquela aparente certeza de que “é mais cômodo permanecer adormecidos nos braços da nossa própria cultura. Nos dá mais segurança depender apenas do que já somos” (GADOTTI, 2000, p. 163).

Que nesse movimento possamos nos engajar sinergicamente na construção da **Educação Vicentina** com sentido e pertinência para os projetos de vida das novas gerações, contribuindo para que se tornem cada vez mais capazes de cuidado consigo mesmas e com os outros, que impregnem desses valores seus modos de ser, de agir e de relacionar-se. Que este seja nosso caminho novo, encontro, trajetórias e biografias, pois, como diz o poeta:

“de tudo ficaram três coisas: a certeza de que estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo, fazer da queda, um passo de dança, do medo, uma escada, do sonho, uma ponte, da procura, um encontro” (Fernando Pessoa).

Unamo-nos na **esperança** de que estes esforços, quando realizados em comunhão, em unidade na diversidade, em dialogicidade e corresponsabilidade, **são capazes de mudar o mundo**: “estas ações espalham, na sociedade, um bem que frutifica sempre para além do que é possível constatar; provocam, no seio desta terra, um bem que sempre tende a difundir-se, por vezes invisivelmente” (LS, n. 212).

## REFERÊNCIAS

- AYRES, R.U. Sustainability economics: Where do we stand? *Ecological Economics*, v. 67, n. 2, p. 281-310, 2008.
- BOFF, Leonardo. **Cuidar da Terra, proteger a Vida**: como evitar o fim do mundo. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela Terra. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Virtudes para um outro mundo possível**: hospitalidade: direito e dever de todos. Petrópolis: Vozes, 2005, vol. 1.
- BRAUN, J. R. R.; FIALHO, F. P. A.; GOMEZ, L. S. R. Aplicações da criatividade na educação brasileira. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 17, n. 52, p. 575-593, abr./jun. 2017.
- COSTE, Pierre. Conferências às Filhas da Caridade. Tomo IX. Lisboa, 1960.
- DELLORS, Jacques et al. **Educação**: um tesouro a descobrir – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- FARES, Diego. **François et la culture de la rencontre**. Paris: Médiaspaul, 2015.
- FRANCISCO (Papa). **Carta encíclica Laudato Si'**, do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus : Loyola, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Evangelii Gaudium**: a alegria do evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013.
- FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO. **Constituições e Estatutos**. Paris, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2008.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **Conscientização**: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. 5. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GUILLEMIN, Irmã Suzanne. Conferência de 2 de fevereiro de 1968, sobre o Voto do Serviço dos Pobres.

GUTIÉRREZ, Francisco. **Pedagogia para el desarrollo sostenible**. Costa Rica: Heredia : Editorialpec, 1994.

MATURANA, Humberto. **Emociones y lenguaje em educación y Política**. Santiago: Dolmen, 1989.

MEIRIEU, Philippe. **A pedagogia entre o dizer e o fazer**: a coragem de começar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

\_\_\_\_\_. **Aprender... sim, mas como?** 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

\_\_\_\_\_. **Carta a um jovem professor**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Cotidiano da escola e da sala de aula**: o fazer e o compreender. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PACHECO, José. **Dicionário de valores**. São Paulo: Edições SM, 2012.

PEREZ, Tereza. **BNCC**: a Base Nacional Comum Curricular na prática da gestão escolar e pedagógica. São Paulo: Moderna, 2018.

SANDRINI, Marcos. **Para sempre**: o compromisso ético do educador. Petrópolis: Vozes, 2007.

SARAMAGO, José. **Todos os nomes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias de currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOUZA, Flávio Fernando de. **Pastoral urbana no contexto da pós-modernidade**: pautas para uma evangelização inculturada nas cidades latino-americanas, hoje. Curitiba: PUCPR, 2018.

WOLFF, Elias. **Igreja em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2018.

